

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.^a Anna

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Administrador — Fernando Arthur Pereira
Rua das Figueiras

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600 »
Brazil, semestre	700 »
Avulso	20 »

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão — IMPRENSA CIVILIZAÇÃO

de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219 — PORTO

Annuncios: 1.^a publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis

Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Comunicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento

A Imprensa

I

Ninguém já hoje colhe os juncos das lagôas egypcias para fabricar o papyrus, nem se preparam as pelles de carneiro para o fabrico do pergaminho, com o fim de o empregar nos usos vulgares da escripta.

A Sciencia de mãos dadas com a Industria, emquanto descobria os caracteres moveis e metallicos da Imprensa, e lhe dava as poderosas e admiraveis machinas de que ella hoje dispõe, extrahia de varios corpos a materia prima com que rapida e economicamente havia de pôr á disposição da mesma Imprensa, e á sua propria disposição as fabulosas quantidades de papel que hoje diariamente consome.

A Sciencia auxiliando a Industria, esta vulgarizando rapidamente as descobertas d'aquella, n'uma mutualidade de serviços e n'uma conjugação d'esforços incessante, tem seguramente prestado altos e relevantes serviços á Humanidade.

Apareceu um dia o jornal; e por tal fórma se multiplicou, que hoje não ha terreola que não dêse o ser a um ou mais. Ha até quem já os considere uma verdadeira praga, e que, a existir no tempo dos Pharaós, não deixaria em paz o Egypto.

Com o progresso das sciencias sociaes, foi augmentando a importancia e a responsabilidade do jornal; com ellas, as sympathias e os odios.

Que é elle hoje afinal?

A alavanca do progresso e da civilização, dizem uns —; Eça de Queiroz diz, porém, que elle é o grande *assoprador da vaidade humana*.

Afinal e não vae a titulo d'opinião conciliatoria, eu creio que pôde ser tudo isso e muito mais ou muito menos.

Que no seu verdadeiro papel elle deveria ser um elucidario e guia das consciencias, não ha duvida; mas quem lêr alguns jornaes, quanto se entristece, se as disposições do seu espirito o não levam a rir abertamente?!

Este — o jornal conselheiro e grave — com largas chronicas financeiras, defensor officioso do principio da auctoridade, liberal em theoria, amigo do

progresso e das ideias novas com a condição de nem aquelle nem estas alterarem a sua pacífica digestão.

Largamente informado, porque paga bem, a lista dos seus collaboradores é um verdadeiro reclame. Não desce a responder aos que da sua cathedra opinão divergem.

Aquelle — jornal de combate — adoptando a divisa «é contra mim quem por mim não é» só elogia e acha bom quem á sua grei pertence. Dirige os espiritos, illucida-os? Creio que não; aos correligionarios, inflama-os, aos adversarios, põe-os de sobreaviso e inutilisa-se para os converter, n'uma causa justa que advogue.

Este outro — pescador d'aguas turvas — ventoinha ao serviço do paladar publico, desfralda o seu estandarte com a sua divisa «por vossos 10 réis».

Quantos mais, diversamente orientados!!

Mas o que é verdadeiramente lamentavel, é que todos ou quasi todos n'uma inconsciencia inexplicavel ou n'uma exploração criminosa, noticiem e commentem largamente todos os crimes, que pormenorizam detalhadamente, que illustram de gravuras falsas mas expressamente preparadas para surtir effeito, e que tratam durante numeros e numeros seguidos.

Não ha miseria humana que se não descreva, sobre que se não faça litteratura. Levam-se ha o furor de reportagem até indicar onde moravam os gallegos que conduziram a victima ou o policia que prendeu o algoz.

Para qualquer acto digno ou de benemerencia, quando o não movam explorações politicas ou não haja um amigo na redacção, nunca ha — nos grandes diarios — mais de meia columna para uns elogios banaes.

Isto é doloroso, mas verdadeiro.

Ignoram que o facto criminoso pôde influir poderosamente no tarado?

Não sabem que o elogio merecido e justo pôde encorajar outros a esforçar-se por o merecer?

Talvez. Mas se o ignoram, não peguem então nunca n'uma penna.

Noticiam em grossos caracteres a formação d'um ministerio, as noticias d'uma guerra ou d'um attentado, as conferencias d'um trunfo politico; mas buscarão nos caixotins da ty-

pographia o typo mais meúdo para noticiar um donativo a uma escola ou a um hospital

E' d'estes que Tolstoï diz: «Emprega-se o pensamento e a palavra, não para servir de guia á actividade humana, mas para justificar toda a actividade criminosa».

Toriblo.

A OBRIGA

A MONARQUIA NOVA

Com este rotulo é um campeão jornalístico que pela mocidade do rei vem quebrar setas e lanças. Tem a monarchia sete partidos que a defendem e representam, — sete como os pecados mortaes —, e cada um dos partidos tem os seus jornaes por cujo intermedio comunicam com a opinião publica. Mais do que esses, e alem d'esses, tem o «Diario do Governo»; e mal se compreende, por esse modo, o que vem cá fazer o novato.

Porque ou representa ele essas mesmas nuances de opinião, todas, ou só qualquer, e nesse caso é peyorativo; ou então os não reconhece, e nesse caso de quem é ele se todos os monarchicos averbados estão a qualquer dos grupos? Cazo bicudo que os Ramalhos esmiuquem, satisfazendo a toda a familia, bem ultrajada pelo adventicio, que verdadeiramente a desdoura.

Sim desdoura, e condena: — derradeiramente julga de casa.

«Monarquia Nova» no titulo, nas intenções, no propozto, quer dizer: não vós progressistas, não vós regeneradores, não vós dissidentes, nacionalistas, amaralistas, franquistas, henriquinos; — de vós todos, nenhum de vós. Não vós, que com o rei novo sois a monarchia velha, que condemnamos, pois que nova e culpada somos, não vós desacreditados, putrefactos, diluozos, indignos. Nós — só nós — mas quem; mas reparamos agora — o quê? .. nós, nós... ninguém! Ninguém, porque nenhum monarchico ha abstencionista até ao ponto de nem ao menos... ser henriquino. Ninguém, porque quantos ha é quantos trepam pelos partidos.

Então? Blague, esforço vão, ilozismo.

«A Monarquia Nova» (jornal) é um esforço impotente, desgrudado, completamente, da sociedade em que se anuncia. Para monarchico com os partidos não serve de modo algum, essa tarefa está a cargo já d'outras penas e d'outros velhos interesses; e para monarchico sem os partidos não tem significação, nem senso comum. Mesmo que defenda, com eloquencia e sinceridade, o trono oscilante e D. Manoel, nem por isso lhe prestará d'algum modo; rei e trono só tem defeza que valha pelo que lhe derem os politicos, não pelo que o exalcem dois ou tres jornalistas veementes mas sem importancia publica, sem valimento constitucional. E' pois um dispauteo exaustivo, sem conse-

quencias de maior alem da deziluzão e tempo perdido para os que se votam ao sacrificio.

A propaganda lealista tem, até hoje, andado sempre ás avessas, numa grande inconsciencia e mizeria de processos.

Para firmar o trono e extirpar o republicanismo não lhe fazem nada jornaes, ligas, comicios. Taes processos fructificam no campo adverso, e porque assim é pueril foi supôr que bons fossem á monarchia.

Mas não. Esta só pelo «Diario do Governo», só pelos ministerios e parlamentos é que poderia vingar uma politica triunfadora. Para nos vencer nem jornaes, nem centros, nem sorrisos e tocarolas da majestade: para nos vencer leis rehabilitadoras, costumes politicos limpos, parlamentos serios e uteis: toda a propaganda monarchica viçava feita do alto das columnas do «Diario», pela feliz e habil inteligencia e honestidade do lejislador.

Ahi é que era o ser feita, com proveito para a nação que assim iria desafogadamente melhor — para os seus novos destinos.

Assim é que vinha a ser — se tal lhes fosse possivel.

Antonio Valente.

EGOS DA SEMANA

Um orçamento

Em França, a Republica uma das heranças que veio a ter do imperio não foi sómente o desastre da guerra, foi tambem o analfabetismo. Em 1870 havia em França 35 % de analfabetos, hoje essa percentagem desce á insignificancia de 4 por cento. O actual orçamento da republica para despesas de instrução publica é de 261 milhões de francos, ou seja, a) cambio ideal de 200 reis o franco, nada menos de — 52 mil contos de reis.

E nesse orçamento não incluem o que com a instrução dispendem as comunas, o que não é verba de pobretões, nem o que se gasta pelos ministerios da guerra, marinha, agricultura e comercio.

Para a sua população, de 38 milhões de habitantes a França gasta com a instrução 52 mil contos; nós, para uma população de cinco milhões, gastamos... uns mil e tal contos, em globo. Tem a França a percentagem de 4 por cento, temos nós a de 70 a 80 % de analfabetos. Mas, como a monarchia e os semideuses percebem que a prosperidade e o bom conceito de um povo estão na razão directa da boçalidade e da ignorancia, vá de não concorrer para a ruina patria ensinando os portuguezes a ler, e educando-os para a liberdade e para a sciencia. Ora não é caso novo o escrever-se, e dizer-se, que a Republica Franceza está a braços com uma falencia, e que a riqueza d'aquella grande nação está mortalmente comprometida. Quem o afirma são portuguezes, com um certo ar comizerativo que decentemente lhes fica. Ora o desca'bro financeiro da Republica é tal que, só o

seu simples orçamento da instrução publica atinge a cifra de todas as receitas nacionaes portuguezas: — 52 mil contos, que pouco mais ou menos é o que rende esta *pioleira*.

Trabalho ou Revolução

Entre nós, sempre que estalem conflictos entre o poder e o povo, é de uzo e de lei gritar-se, da banda de quem carrega, que isto é canalha, camadas baixas, bebados, arruaceiros. Como é de uzo, tambem, simples manifestações de vivo-rio derivarem pr'amôr da *Orde* em cutiladas, fuzilarias, mortos, prezos: todo o horror dos 4 de maio, 18 de junho, 5 de abril, etc., etc.

E no lance é então costume dizer-se que ouz os populares intolereis só os do nosso pobre, humilde, cordato povo; no lance os nossos homens de estado, defendendo-se, celebram como comparando, os povos cizudos, brandos de lá de fora: o inglez nomeadamente. Entre os aplausos da comparsaria o que de irrisorio, de falso alegam sobre os costumes que citam! E' vêr — cinco mil mulheres em Londres atravessando os bairros aristocraticos com uma bandeira vermelha onde se lê a inscrição — Trabalho ou Revolução; em Manchester o povo convocado para um comicio com a prevenção, pelos promotores, de ir munido de armas de fogo! E ninguém os prendeu, ninguém os provocou com pranchadas, fuzilamentos, á luzitana moda dos que governam. Man festam com ruído e veemencia, nunca por nós equalados, com a certeza de não irem parar á *morgue*, e eis a grande differença... a dos costumes governativos. Mas para os nossos a Inglaterra é um paiz sem desordens, onde, graças ao *Good Save The King*, não ha descontentes nem revoltados...

As côrtes

Sempre abrem a 1 de março, se até lá Jupiter dos Navegantes não dispuzer o contrario. Abrem para lavrarem auto de umas exequias, e para elevarem sobre os escudos sete salvadores votados ao coliseu... de uma pasta ministerial. Depois, para que o ministerio estude e não faça pifia figura, suspender-se-ha o espectáculo, ou haverá por bem S. Majestade, em atençaõ á publica causa, d'ssolver o *osso* das Côrtes. Haverá então eleições, pela «ignobil porcaria» e para acalmção dos espiritos não será demais repetir-se o glorioso 5 de abril.

Concluzão: parlamento abre, parlamento fecha: eleições; novo parlamento para 1910, e então aprezenção á Camara do relatorio dos adeptamentos.

Depois... perguntem lá a Duinginha.

Coro celestial

A recente vizita de Eduardo VII a Guilherme II, veio pôr a todos de acordo e diz-se sanou de vez mal entendidos e hostilidades que haviam entre as nações. Todos celebram a paz, todos fest-jam a *entete* de povo a povo, francezes e ale-

mães e ingleses e austriacos e russos tudo se beijoca de pura fraternidade.

No entanto em Inglaterra agrava-se o orçamento do ministério da marinha com o custeio da construção de cinco couraçados poderosíssimos; na Alemanha lança-se ao mar febrilmente em unidades de combate terríveis e na França para construções navaes exije-se um esforço orçamentario custoso. Por seu lado a Austria mobiliza exercitos contra os slavs do sul e a Russia nos intervalos dos enforcamentos em massa entretem-se a reorganisar as suas forças de mar e terra.

As ultimas maravilhas do Trabalho dá-se-lhes applicação immediata no rol dos apetrechos guerreiros—vidé os acropianos, já construções de combate.

De vez em quando, porem, os chefes de estado nas suas visitas e aluçoões, beijam a paz, saudam-na. E é o que ha, até contas, em materia de pacifismo.

«O Democrata»

Contou um ano, sabado findo, este nosso colega d'Aveiro.

A praxe é desejar-lhe muitos e afortunados; ora assim seja não por desquite de uzaças, mas como rejisto da nossa estima.

ARA

Ao pôr do sol

O sol desmaia ao longe, no occidente, tingindo a grimpá á cathedral antiga. E a côma da floresta, onde s'abriga O ninho d'ave, avelludado e quente.

Baixando vem á terra brandamente O véu das sombras, que ao descanso obriga. Quem andava, dos campos, na fadiga, Cançado do trabalho, mas contente.

E traz de longe, a brisa vespertina Um echo do campestre cantilena. D'alguem que para amor a lyra afina.

E enquanto sobe a lua ao céu, serena, E toda a flor o calix triste inclina. Chora saudades a minh'alma e pena.

Alfredo Campos.

Os estatutos da Misericordia

Lêem-se no projecto denominado «Compromisso da Irmandade da Misericordia d'Ovar» estes d'zeres nos varios artigos que vamos vêr:

FOLHETIM

Camilo Castelo Branco

A Brasileira de Prazins

I

Marta era filha de um lavrador mediano que tinha em Pernambuco um irmão rico de quem dizia o diabo. Chamava-lhe ladrão porque, no espaço de vinte anos, lhe mandara trez moedas, com os seguintes encargos: á mãe 6\$000 réis fortes, ás almas do Purgatorio de Negrellos 3\$000 réis tambem fortes que lhos prometera quando embarcou, e o resto para ele—«5\$400, dizia, é o que o maroto pédre de rico me mandou em vinte anos!»

A rapariga conversou diversos mancebos, uns da lavoura, outros da arte, e afinal, quando o pae lhe negociava o casamento com um pedreiro, mestre d'obras, muito endinheirado e já maduro, appareceu o José Dias, filho de um lavrador rico de Villalva, a namoriscala-a. Este rapaz estudava latin para clero; mas como era fraco de poucas carnes e amarelo, o curjião disse ao pae que o moço não lhe fazia bem

Artigo 1.º «A irmandade da Misericordia d'Ovar é uma associaçãõ humanitaria sob a fórma pia, cujo fim é a beneficencia e a caridade cristã», e, subordinadamente a essa «fórma pia», é que ha mais no projecto estes meios pios inconfundiveis.

Art.º 23.º (Determinando o processo convocatorio da assembleia geral). «Na vespera ás ave-marias da tarde e no dia uma hora antes e á hora da reunião dará o sino da irmandade o sinal ad-quado e determinado no regulamento interno».

Art.º 48.º «No dia 2 de novembro mandar a Misericordia celebrar... exequias solenes por alma de todos os mortos da vila de Ovar e dos irmãos falecidos seguidas de prestito de homenagem ao cemite rio».

Art.º 50.º «A irmandade da Misericordia celebrará as festividades relijozas que lhe forem determinadas por donativos e legados por ela aceites».

Art.º 59.º «O simbolo da irmandade encorporada é a bandeira da Nossa Senhora da Misericordia e em prestito relijoso, alem d'isso a cruz alçada. Emblemas dos irmãos: opa azul com murça preta; dos mezarios: opa azul com murça preta e cruz de veludo azul na murça sobre o peito do lado esquerdo.

A bandeira da Misericordia será um quadro a oleo, representand na face da frente Nossa Senhora da Misericordia e na de traz Fr. Miguel de Contreras», e com isto indicações de leynda, de cruz e varas, toda a regulamentação de uma confraria de devotos associados para fins cultuaes, honorificos de qualquer privelijeado da Bemaventurança, e no termo a probabilidade de finalizar a Misericordia por se integrar a irmandade das Almas de que herdará as capelas, os rendimentos, mas tambem, e este é que é o cargo, copulativamente o encargo de disputar ao Inimigo as almas do inferno e do purgatorio.

De facto não se pouparam locuções, artigos, em materia de pia relijozidade ele o sino, o capelão, as opas, as varas, os paineis e as procissões, as capelas e as alminhas com a renda das beneficencias á divindade; ele até no *Flos Sanctorum* local uma nova Nossa Senhora; novo culto e nova simbolica com introdução prezumivel de futura imagem em altar proprio, cheio de doirados, de flores, de lumes e de ex-votos.

Na verdade, se lhe perscrevem as jaculatorias, as camandulas, a obrigatoriedade de confesso e praticas a hora e prazo ficos, nem era mesmo irmandade, redundava, tirante o

puxar pelas memorias. Os padres do Muho, n'aquelle tempo, não puxavam quase nada pelas memorias; ordenavam-se tão alheios ás faculdades da alma que, sem memoria nem entendimento, e ás vezes sem bondade, eram softiveis sacerdotes, davam poucas silabadas no missal e lam os psalmos do breviario com uma grande incerteza do que quer a dizer o penitente David. Pois, assim mesmo, sendo tão facil a ordenação—uma cousa que se fazia com uma perna ás costas, diziam certos vigarios—sem precisão absoluta de puxar pelas memorias, o Joaquim Dias quiz tirar o filho do *latim* que lhe ensinava um egresso da Ordem Terceira, o Frei Roque. Este padre-mestre tinha uma irmã paralitica: sabia lêr e prendas de costura, marcava, fizera um pavão de mis-sanga, não desconhecia o crochet e ensinava raparigas para se distraír.

No quinterio do padre-mestre Roque foi que o José de Villalva se afez a reparar na Marta de Prazins, uma rapariga muito alva, magrinha, de cabelo atado, muito limpa com a sua saia de chita amarela com dois folhos, jaqueta de fazenda azul com o torro dos puinhos escarlates, muito séria com propoz to de mulher e ares muito son-o—diziam as outras, que lhe chamavam a *songuinha*. Os outros estudantes, rapazolas verme-

cenobitismo, em sociedade monastica; sem exajero de maior—vinha a tornar-se um convento.

Não estamos levemente a discutir o Estatuto; é muito a sério que nos cumpre não o rejeitar sem exame, e, este feito, tambem nos cumpre não o tolerar sem protesto

Ora todos esses artigos e alineaas de que fizemos a transcriçãõ, repizados num almofariz, homojeneamente em mistura, e, emfim tornados em bolo, o que trescalam é a qualidade inequivoca tipica, acentuatissima de estreme espirito catolico; e só se explicam elaborados por uma errada preocupação de dar satisfação e prazer a uma sociedade mais relijoza que leiga; mais feticlista que crente.

Por isso os temos de combater. Ofensivos como são, verdadeiramente, da neutralidade irremovivel que nas manifestações de vida da Misericordia, stritamente, devem cumprir-se;—para que esta seja, preclaramente, aju lo que deve sêr, para a sociedade e para o individuo.

Filha da sociedade civil que admite e tem no seu seio todas as diversidades de opiniãõ, e todas as inconcordancias do espirito, a Misericordia deve fazer-se no terreno livre e insuspeito da caridade laica pois lá é que todos cabem, sem vexame mutuo e mutuo desgosto;—e esse espirito livre e civil que deve sêr a sua base, é indispensavel não lho preterir em homenagem a uma problematica e estreita virtude pietista.

Termo de conciliação, ponto de accordo para todos os membros da sociedade, os que d'ella prezizam como socorridos, e os que a sustentam como esmoleres—é absolutamente contrario aos seus principios, á sua açãõ social e aos seus fins superiormente caridozos o que, d'plorandamente, se pretende dar-lhe como lei organica sua; sem prevção dos escandalos, incompatibilidades e sentimentos hostis qua, cedo ou tarde, serão fatalmente o fructo da imprudencia e imprevidencia que se promove.

Quer o suponham quer não—nós sabemos, de sobra, que a intenção do projecto não é vexar o livre-pensamento nem atentar contra a independencia da coletividade civil, altruista por natureza propria e não por influencias de especificado credo teolójico—quer o suponham quer não, com esse carater pio, catolicom litante que se lhe dê, a Misericordia deixa de o sêr; e nos aditos da Razãõ Para torna-se á certa—discordia.

Com a sua Nossa Senhora da Misericordia, com os seus deveres de confissão relijoza praticante, com

os seus distintivos pios e todo o seu espirito, a toda a evidencia, catolico, a Misericordia, certamente, satisfaz vidades e sentimentos de muita jente, lisonjea mesmo a inclinação e gosto das maiorias.

Mas é de bradar ao ceo a clamorosa preferencia, que admite o principio, condenavel da não equanimidade. do não respeito pela indefetivel Justiça! E' de provocar o justo ressentimento d'aquelles todos que, respeitando alheios principios, direito teem, perante o mundo, a que os seus lhos respeitem,—não invadindo, não possuindo logares comuns com o espirito em letijio.

Como estão os estatutos, serão um embaraço,—sempre—, ao desenvolvimento, á prosperidade, ás boas graças da Misericordia; mormente para o futuro são um repto, audacioso e mesquinho, ao indescortinavel que se prepara nas jerações d'amanhã.

Está-se a tempo de acizadamente emendar, e é indispensavel que, tudo, improprio pelo seu carater de parcialismo, seja simplesmente substituido.

Exjem-o os superiores e persistentes intresses da Razãõ e os da Misericordia que, mais ano menos ano, não podem ter outro fundamento que esse não seja; que, mesmo, hoje outro não teem. Exije-o o significado de que a instituição, unicamente, deriva:—a solidariedade, que hoje é unicamente humana: ma ravelhozamente, adoravelmente filha da civilização, do coração do homem guando-se pela bondade e o sentimento.

Exje o a hora alta que atravessamos cheia de intrinseca fé no trabalho, na ciencia, na fraternidade; na mutualdade; mas divorcada, cada vez mais, da Eje de dos altares e das procissões, para a sua fecunda actividade moral, afetiva e jenerozamente altruista.

O projecto de estatutos está em estudo e em discussãõ, cremos que, como está não passará em definitiva; cremos que se lhe concluirá a redacção final de teor e modo a desaparecer todo o espirito e letra de irmandade e instituição pia. Com isso, reconsiderando e refundindo para bem, não se vexa a relijão do estado, nem se atenta contra o sentir catolico.

O logar da Igreja não é na Misericordia, e nós que falamos sempre consoante o nosso pensar e o nosso sentir, em palavras claras que todos ouçam jamais traindo o que para os nossos botões afirmamos; nós não o dzemos, aqui, para sêr um pouco agradaveis e atenuar impressões... que, detestaveis que sejam, nimamente nos ralam. Mas é

por cima dos oculos, orbitulares, com as hastes oxidadas d'um cobre antigo. E, apontando para o José de Villalva que era o primeiro da fila:

—Foi este?

—Esse nunca me disse nada— respondeu com a vóz tremula, toda vermelha, a rapariga.

E o frade pondo o dedo no segundo:

—Foi este?

Marta não ergue os olhos nem respondeu.

—Então môça? Qual foi dos nove? Dize lá. Tu que te queixaste é que algum embarrou por ti.

—Eu não me queixei... murmurou a interrogada.

Verdadeiramente ela não se queixára. Foi o Ziferino, o filho do alferes da Lamella, o mestre pedreiro que andando a construir um canastro na eira do padre-mestre, observára que os estudantes rentavam á cachopa, e ajeitavam-se em atitudes abrejeradas, como de quem espreita, quando ella subia a escada.

O denunciante ao pae de Marta foi ele, o pedreiro abestado, não porque o espicaçassem n'essa denuncia o zelo dos bons costumes, e um justo odio ás concupiscentes espiçajens dos rapazes, mas porque gostava, deveras, da môça. Ele passava já dos trinta e dois e era a

que o facto de não tornar-se a Misericordia uma variante e uma novidade do culto externo,—o que pretendemos—ofensa não é para a Igreja; gravame não é a Deus.

Não é, sinceramente, a nossa attitude o desespero de... pedreiros livres, como certas almas, de ruim barro, queixozamente nos chamarão. E' esta attitude o que já se disse e o que ha ainda para dizer... na quinta feira seguinte a esta, se o leitor e nós formos vivos.

Ex.º Sr. Director de «A Patria».

No n.º 43 do jornal que V. Ex.º superiormente dirige, vejo sob o titulo «Misericordia d'Ovar» a apreciação da redacção sobre o caminho seguido quanto á discussãõ do projecto d'estatutos, do qual discorda.

Lêio o seguinte:

«Queríamos nós que os estatutos fossem sujeitos ao exame de todo o publico,—exame com atribuições de apreciação e proposta livre; queríamos nós que por um *referendum* do povo a facultade existisse de, todos nós, os podermos analizar e estudar,—com o preceito de ser aceite o que de facto o merecesse. Todos aqueles que subscritores foram para a fundação da Misericordia, e é a esses que se referem os termos aqui empregados de—todo o publico—, curial julgamos que direito houvessem a ter vós, e voto, na aprovação final dos estatutos».

Sendo membro da Commissãõ Executiva encarregada pela Preparatoria de preparar o terreno para levar a effeito a empreza por todos almejada, não é n'essa qualidade que a V. Ex.º me dirijo, mas apenas na de quem concordou plenamente com o caminho seguido e que sendo n'este assumpto um dos delegados do povo d'Ovar, e portanto de V. Ex.º, julga do seu dever explicar o voto que em nome dos seus delegantes deu, áquelles d'entre estes, que d'elle discordam.

Ora o que V. Ex.º deseja nos periodos transcriptos, está plenamente e justamente concedido, e nem de tal necessitaria, visto que todos os que em nós delegaram seus poderes, não abdicaram do direito de nos orientar segundo a sua opiniãõ, que temos de seguir quando ella seja a da maioria.

Mas ha mais: a publicação do projecto d'estatutos (ao qual eu—e sei que outros vogaes—tencionamos apresentar modificações e emenda), tal como foi apresentado pelo sr. Dr. Francisco Ziggalo, obedeceu exactamente ao desejo de conhecer a opiniãõ de

primeira vez que sentia no coração as alvoradas do amor. Fr. Roque, averiguado o caso, advertiu o pedreiro que não fosse má lingua, que não andasse a difamar os seus discipulos, que se preparavam para o sacerdocio—uma coisa séria.

O episodio acabaria assim menos mal, se dois dos estudantes, que se preparavam para o sacerdocio, mais fortes no fueiro que nas conjugações, desistissem de o moer a pauladas, uma noute, num pinhal. O mestre de obras iniciou-se pelo martirio obscuro n'um amor que principiava bastante mal.

Elle nunca soube ao certo quem lhe batera, e attribuiu a sova a emulos na arte, covardes e misteriozos, por causa da construção de uma igreja que ele desdenhára citando as regras de Vignola. Vinha a sêr o desastre uma tunda por motivos de arquitetura—um martirio de artista. Inveja. Por causa da Arte padecera o seu colega Affonso Domingues, o arquiteto da Batalha, e João de Castilho, o do convento de Tomar, e já tinha padecido seu mestre. o Manoel Charco a quem inimigos quebraram a cabeça na feira dos 21, por que ele, desfazendo na obra d'um colega, dissera que o botareu de um cunhal estava torto.

todos os interessados no assumpto o que melhor nos nortearia.

V. Ex.ª conhece uma proposta por mim apresentada e approvada pela Commissão Executiva, á qual V. Ex.ª amavelmente accedeu, convidando a imprensa a franquear as suas columnas a todos os que quizerem apresentar seus alvitres sobre a Associação a fundar...

Podem pois, todos os que se interessarem estudar e analisar o projecto propondo as modificações que julgarem justas; e quanto ao preceito de ser accete o que de facto o merecesse eu creio que V. Ex.ª é o primeiro a não duvidar que tal aconteça.

Resta-me responder a um ponto que para não alongar, não transcrevi.

V. Ex.ª des-java a reunião publica para a discussão do projecto.

Assim seria para desejar, mas o que motivou o eu não apresentar esse alvitre e me levaria a votar contra, se elle fosse apresentado, foi o reconhecer que praticamente isso seria inutil e prejudicial até.

Assim o reconheceu o povo do concelho d'Ovar votando unanimemente em reunião de 18 d'outubro a nomeação d'uma commissão que «confeccionasse os respectivos estatutos ou compromisso, fazendo os sancionar pela auctoridade respectiva d'pois d'approvedos por ella».

E porque — infelizmente — em assumptos de livre opinião e livre critica ainda não podemos buscar exemplos dentro do nosso paiz, tenho de recorrer ao estrangeiro; e V. Ex.ª vê que lá (como cá) nos povos avançados em civilização, nunca o povo vota e discute directamente qualquer medida ainda a de maior interesse para a sua existencia e os seus interesses.

Agradeceria a V. Ex.ª a publicação d'esta carta como resposta minha a todas os que como V. Ex.ª pensam.

Não sei se entrincheirando-me em qualquer praxe ainda mesmo muito seguida, eu poderia calar estas explicações; quando, porém, acceto delegações considero como o meu primeiro dever explicar o meu procedimento a quem em mim confia, especialmente quando, como no caso presente, eu vejo na opinião divergente, a melhor boa fé e o melhor desejo de acertar.

De V. Ex.ª c. do att.º ven.º

Pedro Chaves.

ARTE & LETRAS

No hospital

Emfim, fóra sli tétl!—Pobre creança sem arrimo no mundo, sem ninguém; tuberculosa—já sem esperança d' s ude, de alivio, d'alguem bem. Toda em ruínas—pelo mal que cança vendida pela mãe!...

Chamava-se Maria,—o nome lindo que ella tornára belo, só por si, co'as facezias de um encanto infindo, graci,—o mais graci que eu nunca vi, cantrolando no casebre, rindo qual sóto colibri.

Costureira: pobrinha e esmera la nas chitas leves, quando á rua vinha, podia ser que a fome aguilhada lhe desse um caminhar mais depressinha; mas com nodos a roupa,—amarrotada, não; sempre limpinha.

O ganho de uma tristel—O santo dia a pespontar curvada, e lentamente danlo á fúria monotona, d'escia das Trindades, embalde, o som luj-n.e; vinha a noite e á lampada a lua curvada, atentamente.

Ha duras profissões! Cavar a terra é máo—mas tem o ol, as virações, tem o jemer da nora, que desterra com o cantar da agua as apreensões; ceifar o trigo, se á soalneira aterra, na eira tem canções.

Decerto ha vidas más! O marinheiro pode jurar que a morte é o vento sul, mas, talvez, que viver aventureiro e livre no mar livre,—o mar azul; respirando o ar fino, o ar fagueiro a salvo do paul.

Cança a costura:—todo o dia atenta á ta efa da agulha e prisioneira da salêta, do banco em que se senta a banida do sol,—a costureira; entaipaja á vidraça a que, cinzenta, a luz bate agoireira.

Triste existencial não poder folgar como a canponia de quadris pujantes, não ver a primavera o madrugal das aves, não guiar os bois p'ssantes; e enclauzura lá não acompanhar os berros, e os descantes.

Gentil, linda Maria! assim vivêra sem ar a flux, e alegre, todavia; tam pobrezinha, da pobreza que era seu orgulho locaz, sua utania; mas cubiq u-a a putridão que impera, vendeu-a a mãe, um dia.

Comprá-a um nababo libertino numa aziaga noute de amargura, e o seu perfil anjelico,—tam fino, tinha—mesmo no lodo—exc isa alvura; como um jas-nim varrido do destino numa lapela impura...

Fez-se então grande dama—silencioza, fria, polida, com d. s dens bravios; e a pouco e pouco, mizera orgulhoza—perdera a inj-ua graça, os amavios; desbutando lhe a cor, fresca, de roza, os ocios doentios.

Um dia o velho amante—abruptamente, como um cançado atro morreu; vieram padres, vio o herdeiro.—jente que nunca a esumou ne n conheceu; e foi posta na rua, ainda presente o dono que perdeu.

Decerto era a mu her chamada impura... —às vezes nobre e san no coração—; mas quem quer lá saber da escavatura, que pode haver na reles profiss-ão! Dá-se o fei a beber á creatura, dá-se-lhe a humilhação.

Poz se a errar como os cães, sós e perdidos, tímida agora, decaida dama; rôtas as bo as, sujeitos os vestidos, men liga inabil sem honrada cama—Topou sómente ser's endu ecidos e assim... tornou-se lamal

A estrela do bordell Passava as horas á caranda, tossindo aos passeantes no seu roupão ljeiro, e ia a dezoras flunar rodando os cães, os restaurantes; lamuriando em vozes soffredoras cigarros perturbantes.

Triste descer da Venus de enxovias; o fraco ser a cada passo, atola, tiritante, encostada á frontarias dos predios, numa supplic de esmola; e esse viver, ru ma, todos os dias pobre lixo que roia.

Tão outra do que fóra! A infecta boca antizamente rozea e tão gracil, e o seu andar de agora, o de uma louca a quem lio viu modesto e senhoril! A voz fresca, a voz doce:—agora rouca, afon ca e vil.

Pobre creança! a que abismo horrendo tinha caído e sempre, sempre, flôr; cheia de lodo, e ainda na alma tenjo um idealismo astral, comovedor; aos baldos da desgraça apodrecendo sem honra e sem amor.

Arrazou-a a doença:—felismente! Tuberculoza, ao menos na de-dita, e a quem viveu na dôr, punjentemente, a morte—haja o que houver—rehabilita! E se é pequeno o leito... eternamente descança, pobrezital

Antonie Valente.

NOTICIARIO

Dia a dia

Entrou em convalescença, com o que nos congratulamos, o nos-

so presado amigo e correligionario Manoel Nunes Lopes, bemquisto commerciante.

—Tambem tem passado incommodado de saude, achando-se felizmente melhor, o sr. Antonio Maria Gonçalves Santhiago, a quem desejamos o completo restabelecimento.

—Retiraram hoje d'esta villa, onde vieram passar as ferias do carnaval, os academicos e nossos amigos Anthero Cardoso, Antonio Zagallo dos Santos, Antonio Santhiago e João Nunes da Silva.

Consortio

Na igreja parochial d'esta villa consorciaram-se no dia 18 o sr. Antonio da Silva Bastos Marques, bemquisto empregado da companhia do caminho de ferro, e a menina Ezilda da Silva Nataria.

Desejamos aos noivos uma prolongada lua de mel e um futuro feliz.

Misericordia d'Ovar

Subscrição

Transporte, réis. . . 5:517\$020

Ovar

- Bernardino Pereira Lopes 2\$500
José Joaquim de Mattos e Silva 1\$500
Manoel Pinto de Carvalho 1\$000
João da Silva Alminha e familia 20\$000
Angelo Zagallo de Lima 5\$000
Graça Valente de Almeida 1\$500
Francisco Pinto Catalão 500
José Pinto Loureiro. . . 1\$000
Major Anthero de Magalhães 20\$000
José Maria Gomes Pinto 2\$000
Manoel Lopes da Silva Sahro 500
Roza Das André. . . . 1\$000
José Maria Rodrigues de Figueiredo. 10\$000
M guel Coelho 2\$000
Francisco Rodrigues Conde 1\$000
Antonio da Conceição . 1\$500
Roza Cassena. 1\$500
João Fragateiro de Pinho Branco 2\$500
Dr Joaquim Soares Pinto D. Maria Lopes Carvalho 20\$000
João de Oliveira Vinagre 1\$000
Manoel Pereira Caio . . 500
Antonio Pereira Carvalho Manoel dos Santos Soares 1\$000
José Leite Brandão . . . 500
Anton o da Silva Marques 1\$000
Antonio Sangra 1\$000
Fernando Valente da Silva José Maria Lopes Valente 500
Agostinho Lopes Valente 500

Alcobaça

Dr. José Baptista de Almeida Pereira Zagallo. 25\$000

Oliveira d'Azemels

Antonio Guedes d'Oliveira 1\$000

Taboado

P.º Antonio Dias Borges 1\$000

Braga

Maria do Amôr Divino. 4\$000

Gaya

Bernardo de Quadros . . 5\$000
José Lopes Pinto 5\$000
José Augusto de Pinho Valente. 100\$000

Esmoriz

Dr. Antonio Francisco Pereira Ramos. 20\$000
Anna Ferreira da Silva . . 500
L no Pereira Leça 2\$500
Abbad Antonio André de Lima 2\$500
João Pereira de Oliveira. 3\$000

- Manoel José Marques de Sá 2\$500
Antonio Ferreira da Costa 6\$000
Antonio Francisco d'Almeida 8\$000
Domingos de Sá Ferreira 8\$000
Manoel Ferreira da Costa 6\$000
Manoel Pinto Rodrigues 3\$000
Manoel Pinto de Castro 3\$000
Antonio Gonçalves Pinto 3\$000
Manoel Dias de Castro . 2\$000
Antonio Maria Marques da Silva. 500
Francisco Pinto Carneiro 1\$000
Manoel Francisco d'Oliveira. 1\$000
Antonio Luiz Soares. . . 1\$000
Antonio Francisco Godinho 1\$000
José Ferreira de Castro. 500
Manoel Ferreira da Costa 1\$800
Antonio Soares d'Oliveira Alexandre Fernandes da Costa 1\$000
José Rodrigues Marques. Manoel Rodrigues da Cruz. 3\$000
Manoel Pinto Ferreira Barreiro. 500
Manoel Antonio Pinto de Castro 500
Antonio Rodrigues Pichel. 500
Antonio Marques de Sá. 1\$000
Somma réis 5:974\$320

(Continúa).

Teatro

Rir, folgar, dizer aqui o epigrama alem o aparte,—mas despreocupadamente gosar duas noites de burgoezia e branda folia, eis o que foram os espectaculos carnavalescos no teatro da nossa vila. Nós que aqui estamos, cabeceando com sono, a relatar-lhes por exjencias do officio o que foram os espectaculos nem ao menos já nos lembramos de titulos das peças idas á cena. Isso porem que importa, ou que importou na platea, nos camarotes, no galinheiro? Cada um divertiu-se jogando o carnaval com serpentinhas, confetis, rizadas, ditos. E a impressão jeral, ao fim, era a da melhor bonhomia, todos concordes sob a beleza e primoroso dos espectaculos... que todavia todos não ouviram, não atenderam. Mas como se riu francamente de vontade, como se passaram duas noites sem o aborrecer dos bocejos,—todos, retirando-se satisfeitos, limitar-se hão a não nos forcarem agora á espiga de uma erudita e recheiada noticia. Gozaram como nós gozámos,—é o que o cronista tem a dizer; não os enfadando mais tempo.

O Carnaval

Succede com o entrudo o precalço de que soffrem todos os deuses,—está em decadencia total. Sensaborão, mesmo nas ruas, quasi desertas, passou como uma vulgar data do anno. Poucas mascaras e nenhum onde se adivinhasse bom gosto, ornamentação inventiva, graça, vida sequer. Coitado! Andou por ahi arrastando-se n'uma impotencia valedudinaria, arrancados já todos os brilhantes postigos do tempo antigo, fazendo nausea, —n'uma grande vontade de lhe darmos sobre os fundilhos o pontapé que o estrassc de vez. Porque, em tanta gente que ahi perdeu 3 dias sem uma desculpa decente, não vimos um só que abris os queixos n'uma imitação, ao menos, do Rizo.

Em suma—está no calçado velho, e nunca se viu tanto rasgão e imundice nas botifarras do entrudo. Lindo,—o tempo. Foram trez dias de sol e nevoas mas de temperatura doce, sem a praga do vento, sem a niquice da chuva, sem a porcaria da lama. Isso sim.

Para assoalhar as vestias aos primeiros e precoces beijos da nature-

za em largas digressões campestres, em horas de paz junto á praia deserta ouvindo e vendo o mar;—o indifinido! Para isso, para isso—sim. Não houveram desordens, facto para notar, e o vinho correu pr'ahi em torrentes, sendo sem conta e sem medida, nos trez dias, as borracheiras.

Foi a unica couza que o Zé não poupou—a pipa.

Felizmente com a sorte de se esquentar sem desastres.

E nada mais—por este ano.

CHRONICA AGRICOLA

Quanto aos elementos mineiras as terras possuem sempre em quantidade sufficiente sete, devendo preoccupar-nos apenas o acido phosphorico, potassa e cal.

Temos pois, para fazer uma boa adubação, de fornecer esses elementos ás plantas; mas devemos ter em attenção as suas predilecções e o que já exista na terra.

O adubo mais completo é o velho estrume do curral. Alegrem-se, pois, os velhos.

Contem os 4 elementos indispensaveis, mas em doses varias e dependentes da cauza dos animaes, da região em que elles vivem, da sua alimentação e sobre tudo da forma porque é conservado.

Parece, pois, que tendo elle tudo o que é necessario, não ha necessidade de empregar qualquer outro e elle conservará sempre o fundo de fertilidade conveniente em qualquer terreno, restituindo-lhe o que as colheitas lhe tiram.

Nada é menos exacto, como veremos, mas nem mesmo quando assim fôsse se poderiam dispensar os adubos chimicos. Qual é o lavrador que tem todo o adubo de curral necessario para a sua cultura?

Além d'isso o adubo de curral tem, é certo, os 4 elementos, mas alguns em quantidade tão pequena que não chegam para as necessidades da cultura, em essa falta só os adubos chimicos podem supprir.

O adubo de curral só está completamente consumido no fim de trez annos de forma que em cada anno só se lhe aproveita um terço.

E' facil calcular agora a quantidade que seria necessario empregar para dar um elemento qualquer na quantidade precisa. Um exemplo: suppunhamos que attendendo ás necessidades d'uma cultura e á riqueza do terreno precisavamos de fornecer 100 kilos de potassa a um hectare (12 1/2 alqueires de sementeira approximadamente (1)). Calculando que cada 1000 kilos d'estrume de curral tem 5 kilos de potassa precisavamos 20:000 kilos d'estrume ou sejam 23 carros, approximadamente, dos nossos. Mas como n'um anno só se aproveita 1/3 precisariamos empregar trez vezes mais ou sejam 69 carros d'estrume. Isto é economico?

Veremos mais tarde outros inconvenientes do uso exclusivo do estrume do curral, mas desde já digo que esses 69 carros ficariam compensados com 200 kilos de chloreto de potassa a 50 9/10 que continham os 100 kilos de potassa que nós queríamos e que custariam um maximo de 14\$000 réis quando os 69 carros custavam um minimo de 103\$500 réis!!!

(1) Para quem extranho ao concelho d'Ovar leia esta chronica, fica o avizo de que a nossa medida agraria que regula todas as transacções relativas a terrenos é o alqueire de semente dura que são 785.m².

Qualquer consulta dirigida á redacção sobre a adubação conveniente para qualquer cultura e terreno deve vir acompanhada das seguintes indicações:

- 1.º Qual a porção de terra que deseja cultivar podendo dizer por metros quadrados ou por alqueires de sementeira;
2.º Que cultura quer fazer;
3.º Que culturas teve a terra nos trez ultimos annos, que adubos levou e quantidades approximadas d'esses adubos;
4.º Onde é situada a propriedade e se pôde ou não ser regada;
5.º Se é terra gorda ou leve;
6.º Se teve no pasto tremoço, trevo, luzerna, fava ou qualquer outra planta que dê grão ou vagens-

ANNUNCIOS

Vende-se

Uma casa terrea na rua da Fonte, dividida para dois moradores.

Para tratar com Manuel d'Oliveira Paulino.

